

DIREITO E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA OBRA “HOLOCAUSTO BRASILEIRO” DE DANIELA ARBEX

Autores:

Aline Assis Conceição¹
Angélica Corrêa Fonseca²
Hugo Andrade Paula³
Valéria Cássia Dell’Isola⁴

RESUMO:

O presente artigo é resultado do projeto de pesquisa e extensão “Direito e Literatura” realizado na Universidade Salgado de Oliveira, unidade Belo Horizonte, curso de Direito. O projeto transdisciplinar tem por escopo estudar obras literárias que possuem cotejo com o Direito e, desta forma, trazer reflexões propedêuticas para o campo jurídico. O objeto central deste artigo foi o livro “Holocausto Brasileiro – genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil” de Daniela Arbex, no qual a autora trouxe à tona a história real do Hospital Colônia de Barbacena/MG fundado no início do século XX, onde ocorreram severas violações à dignidade da pessoa humana de seus internos. Além do levantamento bibliográfico, histórico e literário, os autores deste artigo realizaram trabalho de campo e apresentação de seminário presencial sobre o tema pesquisado. O aprofundamento da pesquisa resultou na feitura deste presente estudo, que tem por escopo trazer contributos acerca da reflexão sobre os direitos humanos a partir deste período de graves violências ocorridas em solo mineiro.

PALAVRAS-CHAVE:

Hospital psiquiátrico; Barbacena; hospital colônia; holocausto brasileiro; genocídio.

-
- 1 Graduanda em Direito pela Universidade Salgado de Oliveira, unidade Belo Horizonte. Membro do projeto de pesquisa e extensão “Direito e Literatura” (Universo-BH). E-mail: alineassis001@gmail.com
 - 2 Graduanda em Direito pela Universidade Salgado de Oliveira, unidade Belo Horizonte. Membro do projeto de pesquisa e extensão “Direito e Literatura” (Universo-BH). E-mail: angelcf677@gmail.com
 - 3 Bacharel em Administração de Empresas pela Fac. Newton Paiva. Pós-graduado em Gestão Financeira de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Graduando em Direito pela Universidade Salgado de Oliveira, unidade Belo Horizonte. Membro do projeto de pesquisa e extensão “Direito e Literatura” (Universo-BH). E-mail: hugoapaula@gmail.com
 - 4 Doutorado em Hermenêutica Jurídica e Mestrado em Filosofia do Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Estágio doutoral pela Università degli Studi di Milano (Itália). Pós-graduação em Direito Público pela Associação Nacional dos Magistrados. Graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora universitária no curso de Direito da Universidade Salgado de Oliveira. Orientadora no projeto de pesquisa e extensão “Direito e Literatura” (Universo-BH). E-mail: dellisola.direito@gmail.com

1 Introdução:

O que é feito não pode ser desfeito, mas podemos prevenir que aconteça novamente. (Anne Frank)

O termo “holocausto” é sobejamente associado à Segunda Guerra Mundial em virtude do genocídio praticado contra judeus, homossexuais, ciganos, pessoas com deficiência, negros, dentre outras minorias. Para além do hodierno conceito, a palavra holocausto tem origem mais remota. Em uma publicação feita pela FFLCH/USP, os pesquisadores do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos ensinam que

(...) a palavra holocausto tem origem grega ('holókauston') e conotação bíblica, significa 'sacrifício em que a vítima é queimada viva', ou 'sacrifício pelo fogo'. Foi usada na tradução grega da Bíblia para a palavra hebraica *oleh*, que designa um tipo de sacrifício dedicado a Deus, apresentando o mesmo significado entre os antigos hebreus. (USP, s/d)

Em virtude da origem etimológica, muitos historiadores consideram inapropriado o uso da palavra holocausto para designar o genocídio nazista.

No entanto, por ser um termo que adquiriu um significado histórico amplo, hoje se tem de forma pacificada a conceituação de holocausto ligado ao extermínio em massa de pessoas em campos de concentração.

Dito isto, pode-se afirmar que, em algum momento, o Brasil tenha vivenciado um holocausto? Na obra de Daniela Arbex, intitulada “Holocausto Brasileiro – genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil”, publicada em 2013, a autora traz à tona uma dolorosa narrativa sobre as histórias reais dos pacientes do Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais, fundado no início do século XX.

O presente trabalho pretende realizar uma análise da referida obra, dada sua importância ímpar para que os trágicos acontecimentos daquele período não caiam no esquecimento. Para tanto, os autores do presente artigo farão uma abordagem jusfilosófica, uma vez que se faz mister um cotejo com o Direito.

Em meados do século XX, o hospital se transformou em uma espécie de depósito para aqueles que não se enquadravam no perfil da sociedade. Durante muito tempo o poder público utilizou o Hospital Colônia de Barbacena como verdadeira lixeira para dissidentes políticos, artistas e segmentos desfavorecidos da população, sobretudo os pobres e as pessoas com deficiência. As pessoas com doenças mentais eram frequentemente colocadas nestas instalações e esquecidas.

A autora relata, através das histórias reais vivenciadas pelos pacientes, as condições extremamente indignas a que eram submetidos, tais como serem submetidos a eletrochoques, beberem urina, conviverem no meio de fezes e se alimentarem de ratos.

Até mesmo algumas mães solo e mulheres que exerciam o direito ao próprio corpo e à sexualidade foram internadas no Hospital Colônia por terem uma conduta considerada desviante pela sociedade patriarcal da época. Muitas vezes a própria família internava estas mulheres como forma de se livrarem de “escândalos” sexuais. No prefácio da obra de Arbex, Eliane Brum diz sobre essas mulheres que

(...) Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de

fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. (BRUM *in* ARBEX, 2013)

Sobre este assunto, Michel Foucault assim preleciona:

Em todos os tempos, e provavelmente em todas as culturas, a sexualidade foi integrada num sistema de coações; mas é apenas no nosso, e em data relativamente recente, que ela foi dividida de um modo tão rigoroso entre a Razão e o Desatino, e logo, por via de consequência e degradação, entre a saúde e a doença, o normal e o anormal. (FOUCAULT, 1972)

No Hospital Colônia, Arbex mostra que as pessoas eram internadas sem o devido processo e frequentemente sem serem informadas das razões de seu confinamento. Conforme mencionado, muitos pacientes não estavam sequer doentes, pois a internação era uma forma de higienismo social, ou seja, de modo a extirpar da sociedade aqueles que não eram considerados “normais”. Foucault foi um grande estudioso da questão da “normalização” dos indivíduos, tendo, inclusive visitado o Brasil na década de 70, influenciando com grande peso o psiquiatra Ronaldo Simões Coelho, que viria a ser um importante nome na luta antimanicomial. Seu papel mereceu destaque na obra de Arbex.

A influência foucaultiana fortaleceu ainda mais o desejo do psiquiatra Ronaldo Simões de subverter a ordem das coisas. (...) Mas foi no final da década de 70 que o chefe do serviço psiquiátrico da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig) realizou o gesto mais ousado: denunciar, no III Congresso Mineiro de Psiquiatria, as atrocidades cometidas no Hospital Colônia. (ARBEX, 2013)

Nas palavras do psiquiatra citado na obra de Arbex,

Lá existe um psiquiatra para 400 doentes. Os alimentos são jogados em cochos, e os doidos avançam para comer. O que acontece no Colônia é a desumanidade, a crueldade planejada. No hospício, tira-se o caráter humano da pessoa, e ela deixa de ser gente. (ARBEX, 2013)

Muitos pacientes morreram devido a essas condições. A situação nestas instalações era muito semelhante às condições nos campos de concentração e, em alguns casos, pode-se dizer que era ainda pior. A partir da obra de Arbex, os autores do presente trabalho visam trazer, para o campo do Direito, uma reflexão sobre a dignidade da pessoa humana e suas implicações.

2 Breve Histórico sobre Hospital de Barbacena

Na Serra da Mantiqueira, interior de Minas Gerais, foi instalado o Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB). O hospital foi dado como uma espécie de “prêmio de consolação” pela perda que a cidade sofreu na disputa com Belo Horizonte para ser a capital de Minas.

Por se tratar de uma região montanhosa, com clima considerado sadio para tratar transtornos mentais, o hospital foi construído em 1903 em terras concedidas por um fazendeiro da região para, em princípio, tratar tuberculosos.

Em 1930, por meio da Secretaria do Estado de Saúde de Minas Gerais, a instituição tornou-se pública, o que abriu precedente para que o "indesejado" fosse

despachado no local. É importante ressaltar que ao menos 70% desses pacientes não tinham qualquer diagnóstico de doença mental. Foi rebatizado de Hospital Colônia de Barbacena. Durante este período, foi considerado hospital referência nacional no tratamento psiquiátrico. Pela instalação dos outros 6 hospitais psiquiátricos além do Colônia, Barbacena logo recebeu o apelido de “Cidade dos Loucos”. Neste mesmo período, com a construção da ferrovia, nasce também o termo “trem de doido” pela obra de Guimarães Rosa, Sorôco, sua mãe, sua filha:

Aquele carro parara na linha de resguardo, desde a véspera, tinha vindo com o expresso do Rio, e estava lá, no desvio de dentro, na esplanada da estação. Não era um vagão comum de passageiros, de primeira, só que mais vistoso, todo novo. A gente reparando, notava as diferenças. Assim repartido em dois, num dos cômodos as janelas sendo de grades, feito as de cadeia, para os presos. A gente sabia que, com pouco, ele ia rodar de volta, atrelado ao expresso daí de baixo, fazendo parte da composição. Ia servir para levar duas mulheres, para longe, para sempre. (ROSA, 1962)

Durante muitos anos, a Estação Bias Fortes, que passava nos fundos do Hospital Colônia, foi destino sem volta para as almas enviadas ao campo de concentração brasileiro. Os trens que cruzavam o país foram ferramentas robustas para abastecer as alas do Hospital Colônia.

Com a alta procura, o hospital abrigou mais de 5.000 internos em um local que acomodava apenas 200 leitos. Desta maneira, a falta de recursos era uma constante. Faltava de tudo: roupas, alimentos, não havia sistema adequado de esgoto e água. Em Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos, Lima Barreto descreve bem as condições de tais locais:

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas, tudo é de uma pobreza sem-par. Sem fazer monopólio, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre, São de imigrantes italianos, portugueses e outros mais exóticos, são os negros roceiros, que teimam em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira esmolambada e uma manta sórdida; são copeiros, cocheiros, moços de cavalaria, trabalhadores braçais. No meio disto, muitos com educação, mas que a falta de recursos e proteção atira naquela geena social. (BARRETO, 1993)

O tratamento desumano era outra característica deste ambiente. “Basta dizer que os eletrochoques eram dados indiscriminadamente. Às vezes, a energia elétrica da cidade não era suficiente para aguentar a carga. Muitos morriam, outros sofriam fraturas graves.” Ali morreram, aproximadamente, 60 mil pessoas.

3 A obra de Daniela Arbex

Houve um momento na história da civilização humana, mais precisamente em meados do século XVIII e início do século XIX, que a sociedade começa a suprimir a promoção da “sombria festa punitiva”, onde corpos esquartejados em praça pública, serviam de exemplo na prevenção de novos delitos. Segundo Beccaria:

Se cada cidadão tem obrigações a cumprir para com a sociedade, a sociedade tem igualmente obrigações a cumprir para com cada cidadão,

pois a natureza de um contrato consiste em obrigar igualmente as duas partes contratantes. (BECCARIA, 2011)

Um século depois, mesmo que de maneira velada, a história se repete. O livro “O Holocausto Brasileiro” (ARBEX, 2013), obra da premiada jornalista Daniela Arbex, escancara a realidade do esquecido Hospital Colônia, localizado na cidade de Barbacena, que durante muitos anos realizou sua festa punitiva de maneira indiscriminada. Por meio de uma perspectiva jornalística a autora nos mostra como o Estado e a sociedade, na sua obrigação com cada cidadão, foi conivente com as atrocidades que ocorreram naquele local, de tal maneira que, o hospital foi associado a um campo de concentração nazista.

A obra traz à tona fatos enriquecedores, dentre eles, a coleção de imagens obtidas pela jornalista antes mesmo de escrever o livro. O trabalho realizado pelo fotógrafo da extinta revista O Cruzeiro, Luiz Alfredo, retrata de maneira comovente o cotidiano daqueles que estavam sob o “cuidado” do Estado.

O livro evidencia com riqueza de detalhes, uma realidade que foi esquecida, aproximando e conscientizando o leitor daquilo que foi um visível genocídio.

3.1 Por que o termo holocausto?

Raphael Lemkin (1900-1959), em 1944, criou o termo genocídio (geno-, raça ou tribo, -cídio, matar.) para definir a política nazista que atuou em parte da Europa durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Essa política antissemita incluía desde a criação de guetos superlotados e insalubres marcados pela fome e violência até o assassinato em massa, além dos campos de concentração que eram abastecidos por trens carregados de judeus que vinham de toda Europa.

Historicamente, holocausto é o termo utilizado para definir esta perseguição sistêmica patrocinada pelo Estado nazista. Nas palavras de Priscilla Piccolo Neves,

Holocausto – a palavra em si significa sacrifício ou assassinato em que a vítima é inteiramente queimada. (...) O Holocausto precisa ser visto no contexto dos planos nazistas para o continente como um todo, o que envolve transferências populacionais em bloco, reassentamentos forçados – o que chamaríamos hoje de “limpeza étnica” – e a remoção indiscriminada de grupos tidos como destoantes de “biotopia”. (NEVES, 2018)

Em 1979, depois de visitar o hospital, o psiquiatra italiano Franco Basaglia, citado na obra de Daniela Arbex, afirmou: “Estive hoje num campo de concentração nazista. Em lugar nenhum do mundo presenciei uma tragédia como esta.” (Arbex, 2013):

O psiquiatra, pioneiro na luta antimanicomial, não exagera quando se refere ao Hospital Colônia como um campo de concentração nazista. As semelhanças são tantas que o termo holocausto se torna necessário para definir a história desenterrada pela autora Daniela Arbex. Foram pelo menos 60 mil mortes entre 1930 e 1980. Assim como os judeus, os internos não haviam cometido crime algum. Muitos deles eram enfiados no trem e transportados ao Colônia, da mesma maneira que os judeus eram levados aos campos de concentração. A utilização da palavra holocausto no título da obra não é banal e ilustra bem o que foi a existência deste hospital.

3.2 Escritora

Daniela Arbex, 49 anos, é escritora, documentarista, além de uma das jornalistas mais premiadas de sua geração. Em toda sua obra, a autora faz uso de sua experiência como jornalista investigativa para aproximar o leitor de fatos que, muitas vezes, são desconhecidos pela grande maioria. Esta característica fica evidente em “Todo dia a mesma noite - A história não contada da Boate Kiss” (Arbex, 2018), sua terceira obra publicada, onde Daniela traz à tona fatos da tragédia que abateu a cidade de Santa Maria em 2013, por meio de relatos inéditos de sobreviventes e familiares das vítimas.

Em 2022, Daniela publicou “Arrastados – os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil” (Arbex, 2022), pela editora Intrínseca. Neste mais recente trabalho, a jornalista busca narrar o que foram as 96 horas logo após o rompimento da barragem em Brumadinho. Mais uma vez Daniela tenta dar voz aos assolados pela tragédia. Foram mais de 300 pessoas entrevistadas, entre sobreviventes, familiares das vítimas e pessoas envolvidas no resgate. Definitivamente, leitura obrigatória para que a história da tragédia de Brumadinho não seja esquecida.

3.3 Personagens principais

A partir dos depoimentos das vítimas e seus algozes a história do holocausto brasileiro começa a ser contada. Os internos, muitas vezes sem diagnóstico de doença mental, eram enviados para o hospital, por uma minoria desprovida de humanidade, que não desejava o diferente em seu convívio: desde epiléticos, alcoólatras, homossexuais, prostitutas a filhas de fazendeiros que perdiam a virgindade antes do casamento. Outros apenas tímidos. A rotina do local não buscava a recuperação dos internos. Logo cedo eram acordados e enviados ao pátio, onde ficavam ociosos até a hora de dormir. Havia alas distintas, mas homens, mulheres e crianças conviviam todos juntos e na hora de dormir em um local onde não haviam camas era preciso se amontoar para não morrer de frio. E mesmo diante do esforço dos internos em se manterem protegidos, logo pela manhã era possível encontrar cadáveres, que prontamente se tornaram fonte de lucro por meio da venda de seus corpos para as faculdades de medicina, inclusive no exterior. Algumas destas histórias merecem destaque.

Sueli

Sueli Aparecida Rezende, era a caçula de sete irmãos. Sem dúvida, a paciente mais famosa do Hospital Colônia. Sofria de epilepsia, mas seu maior erro foi ter uma personalidade diferente do que era considerado, à época, normal. Era dotada de excelente humor, mesmo depois de todo o sofrimento, que resultou na deterioração de sua personalidade. A letra da canção que se tornou o hino do hospital e foi imortalizada no documentário “Em nome da razão”, dirigido por Helvécio Ratton, em 1979, é um exemplo disto:

Ô seu Manoel, tenha compaixão
Tira nós tudo desta prisão
Estamos todos de azulão

Lavando o pátio de pé no chão
Lá vem a boia do pessoal
Arroz cru e feijão sem sal
E mais atrás vem o macarrão
Parece cola de colar bolão
Depois vem a sobremesa
Banana podre em cima da mesa
E logo atrás vêm as funcionárias
Que são umas putas mais ordinárias.

Sueli cresceu afastada de sua família. Ainda na escola, trocava favores sexuais por comida. Aos oito anos foi encaminhada para Oliveira, sendo mais tarde transferida para o Hospital Colônia. Toda a crueldade sofrida por Sueli, tinha como resposta, a violência. Há registros em seus prontuários que ela, passando fome, alimentava-se de ratos.

De lá, só saiu morta, depois de 30 anos de internação e sem realizar o sonho que levava consigo de encontrar a filha que nascera no hospital e lhe foi tirada dos braços aos 10 dias de vida.

Dona Geralda

Geralda Siqueira Santiago Pereira perdeu os pais ainda pequena, sendo criada por vizinhos. Ainda muito jovem, precisou trabalhar como empregada doméstica. Em seu local de trabalho foi vítima de exploração do trabalho infantil e violência sexual, o que resultou em uma gravidez. Seu ex-patrão, com o objetivo de esconder o resultado de sua violência contra Dona Geralda, a condenou com a ajuda de duas irmãs de caridade, ao Hospital Colônia. Aos 15, deu à luz a João Bosco. Aos 17 foi obrigada a deixar o Colônia para trabalhar e aos fins de semana, tinha permissão para visitar seu filho. Sonhava com o momento em que alugaria algo para os dois. Em uma de suas visitas foi comunicada, ao chegar ao hospital, que seu filho não estava mais lá. Foi um choque, mas ameaçada Dona Geralda seguiu sua vida separada dele. Felizmente, 45 anos depois, o Corpo de Bombeiros onde João Bosco atua como chefe da banda de música, promoveu o reencontro entre mãe e filho.

Sílvio Savat

Sílvio Savat era um menino loiro de olhos claros, filho dos ciganos André Savat e Nair Ostite. Foi criado na ala feminina do hospital Colônia. Em 1979 foi fotografado por Napoleão Xavier que na ocasião pensou estar fotografando um cadáver, dado seu estado deplorável. Assim como outras crianças, Sílvio havia deixado Oliveira em direção ao Colônia. Sobrevivente do holocausto brasileiro, Sílvio, apesar das sequelas pela falta de assistência, vive hoje sob a tutela do Estado em uma instituição que leva o nome de Lar Abrigado, braço do Centro Psíquico da Adolescência e Infância (CEPAI), em Belo Horizonte.

4 O Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena nos dias de hoje

Segundo Leon Renault em 1908 a cidade de Barbacena contava com uma população estimada de 60.000 habitantes e em 2021 a estimativa feita pelo IBGE foi de 139.061 habitantes. Há estimativas de que 60.000 pessoas tiveram suas vidas interrompidas no Hospital Colônia no período de 18.250 dias de terror, o que corresponde a uma média de 3,29 mortes por dia.

Na data de criação do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena em 1903 a legislação vigente era o decreto de número 82 de 1841, que tratava os pacientes portadores de doenças mentais como pessoas alienadas. Nesse mesmo ano é editado o decreto de número 1.132 com o objetivo de reorganizar a assistência aos 'alienados'. Somente em 1934 o decreto foi editado o decreto número 24.559 e foi constituído o 'Conselho de Proteção aos Psicopatas'. O decreto cita pela primeira vez a internação de menores de idade e não utiliza mais o termo "alienados", mas "psicopatas". Em 1948 o Brasil ratifica a "Declaração dos Direitos Humanos" e em seu artigo 5º cita que ninguém será submetido à tortura, tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Cumprе ressaltar que o decreto de número 24.559 de 1934 já trazia em seu art.1º:

Art. 1º A Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental terá por fim:

- a) Proporcionar aos psicopatas tratamento e proteção legal;
- b) Dar amparo médico e social, não só aos predispostos a doenças mentais como também aos egressos dos estabelecimentos psiquiátricos;
- c) Concorrer para a realização da higiene psíquica em geral e da profilaxia das psicopatias em especial.

Observa-se que embora no artigo 1º, alínea 'a' mencione a proteção legal dos "psicopatas", não é difícil concluir que nunca existiu tratamento e muito menos proteção legal.

Em 2001, passados 67 anos da criação do decreto 24.559, entra em vigência a lei 10.216 que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de doenças mentais e redireciona o modelo assistencial da saúde mental no Brasil.

O museu

Através de um convênio entre a Fundação Hospitalar de Minas Gerais (FHEMIG) e a Fundação Municipal de Barbacena (FUNDAC) no dia 16 de agosto de 1996 foi inaugurado o 'Museu da Loucura'. Cabe ressaltar que a ideia inicial da criação de um "Museu" que contasse a história da assistência psiquiátrica no Brasil surgiu em 1979, durante o III Congresso Mineiro, onde se montou um painel da história da psiquiatria (pag.254, 2013, Arbex). Considerando-se o número de cinco mil internações e uma média de 3,29 óbitos por dia, o que perfaz cerca de 99 óbitos por mês, pode-se estimar que 1,97% das pessoas internadas vinham a falecer, correspondendo a quase metade da população da cidade de Barbacena do ano de 2021. Vale ressaltar que este percentual pode ser ainda maior, pois utilizamos o método linear do tempo uma vez que não dispomos de dados mensais da relação e quantidade de pacientes internados e nem do número de óbitos por mês.

Traçando um paralelo com a pandemia pelo novo coronavírus, segundo o Ministério da Saúde, em 24 de junho 2022 o Estado de Minas Gerais possuía uma população 21.168.791 pessoas e ocorreram 62.015 óbitos neste período em decorrência da rápida disseminação mundial do vírus. No entanto, as mortes

ocorridas no Hospital Colônia de Barbacena foi fruto do descaso, do desrespeito, do autoritarismo e da capacidade do ser humano em violar a dignidade das pessoas.

Considerações finais

Este livro é dedicado a milhares de homens, mulheres e crianças que perderam a vida num campo de concentração chamado Colônia. (Arbex, 2013 – pág. 8)

A obra “Holocausto Brasileiro” leva a uma reflexão sobre o papel exercido por cada indivíduo inserido em uma sociedade que tem como pilar a dignidade da pessoa humana. A autora remonta um capítulo esquecido na memória do país e, por meio de sua experiência como jornalista, exterioriza fatos que muitos desconheciam do que foi o Hospital Colônia.

A história dos centros psiquiátricos em Barbacena foi tão marcante, que apesar das recorrentes tentativas em blindar a cidade de seu passado, muitos ainda se referem a ela como “Cidade dos Loucos”.

Conforme demonstrado no presente trabalho, é mister salientar que toda a violência ocorrida dentro das paredes da instituição mencionada na obra de Daniela Arbex, só foi possível com a conivência da sociedade e do Estado.

Se de um lado, o Estado era responsável pela manutenção do hospital, a sociedade o abasteceu com o que não era considerado conveniente, ou seja, o “anormal”, conforme foi citado o cotejo com a obra foucaultiana.. Não sem motivos, foi comparado a campo de concentração. Era um movimento coletivo. Na sede por eugenia, as diferenças eram varridas para debaixo do “tapete” Hospital Colônia, de maneira trágica. Tamanha violação de direitos humanos não ocorre durante tanto tempo sem a permissão e a participação da sociedade.

Obras como a de Daniela Arbex são necessárias para que acontecimentos como este, em pleno século XX, não sejam esquecidos. Não se apaga o que aconteceu, e não se promove justiça aos que sofrem até os dias de hoje as consequências da falta de dignidade e humanidade. Mas certamente, denuncia como atos de abuso e ilegalidade, em nome do poder político, podem ser praticados sem a devida repreensão, levando a práticas desumanas e cruéis.

A exposição da realidade de tudo o que aconteceu por trás dos muros do Hospital Colônia é imprescindível para que tais práticas nunca mais se repitam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, Daniela - O Holocausto Brasileiro, 1ª edição - São Paulo: Geração Editorial, 2013 - p.26.

ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p. 14

ARBEX, Daniela. O holocausto brasileiro: genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. Rio Janeiro: Intrínseca, 2019.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima - Diário do hospício; o cemitério dos vivos - Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de editoração, 1993.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso aos 18 de Agosto de 2022 às 08:20 h.

BRASIL. Decreto nº 1.132/1903. Assistência aos alienados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-1132-22-dezembro-1903-585004-publicacaooriginal-107902-pl.html>

Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/holocaust-abridged-article> Acesso em 01/07/2022 às 17:06 h.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 26

NEVES, Priscilla Piccolo. O Holocausto judaico/ Priscilla Piccolo Neves. – São Luís, 2018. p.52

RENALT, Leon. Chorografia do município de Barbacena. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1839.pdf Acesso aos 12 de julho de 2022 às 06:40 h.

ROSA, João Guimarães - Primeiras estórias - 15ª edição - Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001 - p. 53.

Universidade de São Paulo (USP). Holocausto e Anti-semitismo. Diversitas - Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos. Disponível em: <https://diversitas.fflch.usp.br/holocausto-e-anti-semitismo>. Acesso aos 20 de julho de 2022 às 15:00 h.

Websites:

<https://danielaarbex.com.br/>
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>
<https://www.gov.br/saude/pt-br>
<https://www.ibge.gov.br/>